

## APÊNDICE

### ALGUMAS REFERÊNCIAS À OBRA DE MADAME VON LANGENDONCK

Além do artigo de Augusto Meyer colocado à guisa de introdução do presente volume, julgamos oportuno transcrever alguns comentários ao livro da escritora belga:

#### 1. Abeillard Barreto:

“A 30 de abril de 1857 deixamos o porto de Antuérpia, no brigue *Amanda*, com destino ao Rio Grande do Sul’. Assim começa, praticamente, o relato das aventuras vividas na colônia Montravel (hoje Soledade) por uma mulher ilustre, das poucas que deixaram memória da vida brasileira em meados do século XIX.

Chegada à barra do Rio Grande a 9 de julho, a primeira impressão que teve da província, através da cidade marítima, não foi muito favorável: areia por toda parte, poucas ruas pavimentadas e casas inconfortáveis! Visita ligeira, pois no mesmo dia a viagem prosseguia para Porto Alegre, esta, sim, cidade bonita, nova pitoresca, com ruas bem calçadas. Léon, o filho mais velho, antecipa-se à autora, seguindo dois dias após a chegada já diretamente para a escolha do terreno na colônia, no qual é imitado pela mãe uma semana depois, sem que valessem os conselhos e advertências do próprio Montravel, quanto à insegurança da vida, para uma senhora, na floresta virgem.

A viagem pelo Jacuí até a venda do major Guimarães, onde demora dez dias em virtude das chuvas; o prosseguimento, a cavalo, até Harmonia, onde se localizavam os escritórios Montravel, são apenas como uma introdução às aventuras que a autora passa a viver na mata, com os vizinhos mais próximos a longa distância e, em compensação, com tigres, cobras, aranhas ou mesmo índios a muito pequena! Mas, em pouco tempo, a luta é abandonada.

Diz a autora que os filhos resolveram deixar definitivamente a colônia e ei-la de regresso a Porto Alegre, com escala em Harmonia novamente. Na capital, trava conhecimento com o então cônsul francês, barão d’Ornano, que durante alguns anos figurou na crônica social da cidade, e tratou logo de pôr-se em contato com o presidente da Província, obtendo proteção para os filhos. Graças à influência do barão - diz ela - o futuro deles estava assegurado contra todas as eventualidades da emigração: o mais jovem ia casar-se com uma moça alemã e o

outro, Léon, tinha a perspectiva de ocupar-se na medição de terras, possivelmente por dois anos. E, assim, desnecessária sua presença, despede-se dos amigos de Porto Alegre e viaja para o Rio de Janeiro, sem que se possa saber, através do pequeno volume, quanto tempo esteve a autora no Rio Grande do Sul. Por outras fontes confere-se, porém, que ela permaneceu na província até 1860, quando regressou à Bélgica.

No Museu Imperial de Petrópolis existem várias cartas da sra. Langendonck ao imperador e à imperatriz, assim como poesias dedicadas ao primeiro (docs. 6542, 6711, 6727, 6901, 6951, 7053, 7129, 7563, 7811). Por estes documentos se constata que já em dezembro de 1863 estava de volta ao Rio de Janeiro, onde escreve *Le Retour*. Ao chegar D. Pedro II a Porto Alegre, pede-lhe uma audiência para oferecer os serviços de seu primogênito nas forças brasileiras que iriam combater no Paraguai (carta de 18-8-1865). E na capital gaúcha continua a correspondência de 1865. Já dois anos depois começa a ser datada de São Leopoldo e assim se estende até 1869; e com um hiato prolongado é retomada a 28-10-1872, mas da Serra dos Tapes, de onde é também a última carta da série, de 8 de dezembro de 1874. Por essa correspondência a sra. Langendonck pensava publicar outro livro sobre o Brasil, no qual o Rio Grande do Sul teria sido cenário central; mas, em carta de seus parentes da Bélgica, desse ano de 74, se constata que esse propósito não chegou a ser efetivado”.

(*Bibliografia Sul-riograndense*, II, pp. 788/789. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1976).

\*

## 2. Rubens Borba de Moraes

“In 1857 Madame van Langendonck sailed with her two sons to a colony in Rio Grande do Sul founded by the Count de Montravel. She lived there until 1860 when she returned alone to Belgium. This curious book describes the daily life of a pioneer woman. Written with notable optimism, its impressions are nonetheless very interesting. In Rio, Madame van Langendonck was a guest at the house of the Consul Taunay, whose virtues and kindnesses she indefatigably extols.”

(*Bibliographia Brasiliana*, I, p. 455. Los Angeles, University of California/Rio de Janeiro, Livraria Kosmos, 1983).

\*

## 3. Miriam L. Moreira Leite

“A viúva belga Marie de Langendonck veio ao Brasil em 1858, afim de visitar alguns de seus filhos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, como colonos. Pouco se conseguiu saber a seu respeito. O texto indica contatos muito diferenciados. A Condessa de Barral e D. Pedro II, de um lado, e colonos e primitivos habitantes das terras que deviam ser colonizadas, de outro. Essa senhora madura manifesta uma atração pela floresta virgem que a fez arrastar muitos

perigos para atingi-la, esquecendo a febre amarela, os esgotos a céu aberto e a falta de comunicações que observou durante a viagem.”

(Segue um excerto do livro)

“E apesar de verificar que ‘insensivelmente todos os celibatários foram tentar a sorte em outros lugares, e só ficaram famílias carregadas de crianças, que não podiam deixar a colônia’ (p. 86), termina o livro com votos de uma colônia belga no sul do Brasil, próxima de um grande rio, persuadida de que poucas regiões do globo apresentavam vantagens tão grandes para os estrangeiros (p. 152)”.

(**Mulheres e Famílias**, em “Famílias e grupos de convívio”, n°17 da “Revista Brasileira de História”, p. 160/161. São Paulo, 1988/1989).

★

#### 4. Visconde de Taunay

“Sobre Theodoro Taunay escreveu honrosíssimas páginas a viajante belga Madame van Langendonck num livrinho interessante; *Une colonie au Brésil*, embora nos pareça haja a autora as vezes floreado algum tanto a sua narrativa. Desejando vir de Porto Alegre ao Rio de Janeiro fora ter com o Cônsul da França ali, Mr. D’Ornano, que resolveu recomendá-la ao serviçalismo do Cônsul Geral.

‘Frequentemente, escreve Madame van Langendonck, falara-me o Sr. d’Ornano a respeito do Cônsul Francês no Rio de Janeiro. Como todos os que conhecem o Sr. Taunay, votava-lhe o Sr. d’Ornano respeito e admiração ilimitados. Era-lhe o entusiasmo pelo Cônsul Geral da França tão ardente que se tornava contagioso; eu desejava pois não deixar o Brasil sem ter travado relações com o Sr. Taunay e ser admitida à honra de uma recepção do Imperador D. Pedro II. Amável como sempre deu-me o barão d’Ornano uma carta de apresentação para o Sr. Taunay.’

Seis dias mais tarde chegava a viajante ao Rio de Janeiro mandando o comandante de seu vapor levar a carta ao destinatário. Não tardou em aparecer uma lancha da legação francesa com o adido ao consulado que o cônsul, preso em casa por moléstia, mandava a bordo receber a passageira”.

(A seguir, transcreve o Visconde de Taunay as impressões da autora sobre o Cônsul Theodoro Taunay, que se encontram às pp. 54/55 da presente tradução).

(Trechos de minha vida, pp. 199/200. São Paulo, Melhoramentos, 1922).

★

#### 5. Tácito Remi de Macedo van Langendonck

“Quando a poetisa e escritora belga Marie Barbe empreendeu, em meados do século passado, sua viagem ao Brasil, para verificar a possibilidade de organização de uma colônia de compatriotas, já estava viúva e sexagenária. Na companhia do filho Léon, desembarcou na cidade do Rio Grande, tendo feito a travessia do Atlântico a bordo do brigue *Amanda*, exatamente em dois meses e dez

dias, pois saiu da Bélgica em 30 de abril de 1857 e chegou a seu destino a 9 de julho seguinte. Da cidade do Rio Grande seguiu para Porto Alegre e daí tomou o caminho do interior, objetivo da viagem ao nosso país"

(...)

"A missão que a trouxe ao nosso país, embora respaldada pelos desígnios colonizadores, teve um motivo pessoal, muito poderoso, como se depreende das palavras com que ela começa a descrição da vinda às nossas plagas; 'Tenho para mim mesma que ao decidir emigrar para o Brasil, as combinações de interesses materiais eram somente pretexto para ceder à atração do desconhecido, pois, ao invés de ter as vistas voltadas para quanto fãmos fazer, cuidei mais do que fãmos a fazer'"

(...)

'O proprietário dos terremos da futura colônia, ao ver Marie Barbe, sua educação e cultura, tentou dissuadi-la de embrenhar-se no sertão. Damos-lhe de novo a palavra; 'Palavras perdidas. Desde a idade em que comecei a raciocinar, a expressão floresta virgem havia dado curso à minha imaginação e despertado em mim o desejo de ver uma'"

(...) "Muitos e muitos interessantes episódios mais assinalaram a primeira estada, de dois anos, de Marie Barbe van Langendonck no Brasil. Sugestiva a descrição de suas impressões e suas experiências, a sua capacidade de observação e uma criteriosa conceituação, resultantes de espírito bem formado e qualificado por conhecimentos que lhe situam as individualidades de poetisa e escritora, conceituação que em essência e de fato, enaltece o Brasil e sua gente. (...) Marie Barbe seguiu para a Bélgica. Mas, confirmando a observação profética de D. Pedro II, três anos depois, estava de volta ao cálido país americano, desta vez para ficar e ficar para sempre!

(Discurso de posse na Academia Cristã de Letras, São Paulo, 1979).

\*

## LE RETOUR

Diversos autores que se ocuparam de Madame van Langendonck e seu livro referem-se ao poema LE RETOUR, por ela escrito quando de sua volta ao Brasil, em 1863. Graças à gentileza do dr. Tácito Remi de Macedo van Langendonck que gentilmente nos ofereceu cópia do referido poema, podemos oferecê-lo aos nossos leitores, fechando, assim, com chave de ouro este volume. Para o dr. Tácito, tal poema demonstra "seu amor à terra que adotou como sua segunda pátria".